



# **Tambores de Paranambuco**

**A Fuloresta mágica de Siba  
[texto en portugués]**

por **Jussara Salazar**

# Tambores de Paranambuco

## I

### A Fuloresta mágica de Siba [El búhosque mágico de Siba]

por Jussara Salazar  
[de paso por Curitiba, Paraná].

No Quimbundo, língua africana trazida para o Brasil, originalmente a expressão *samba* deriva de *semba* e significa umbigada — do umbundo: estar animado, estar excitado, ou do luba e outras línguas bantas: pular, saltar com alegria.

Dessa tradição lúdica, da fusão de sons africanos, portugueses e indígenas, originaram-se no Brasil, grande parte do que se tem de mais rico, quando tratamos de cultura em sua manifestação de força e contemporaneidade. O jovem músico pernambucano Siba Veloso é um dos maiores artistas brasileiros. Siba mudou-se de rabeca, mala e cuia para a zona da mata de Pernambuco, na pequena cidade de Nazaré da Mata, onde realiza o que ele recusa rotular como resgate, posto que a cultura é patrimônio *in progress*, acontecimento vivo, pulsante e em andamento.

Trabalhando com os mestres do maracatu e com os músicos da mais pura tradição brincante do *Semba*, produziu o genial *Fuloresta do samba*, pontuado pelo melhor dessa tradição, aí renovada pela atitude criativa e pela graça da poesia mais original com os sons do maracatu de baque solto, do côco de roda e da ciranda, manifestações da cultura de Pernambuco.

O maracatu de baque solto ou chamado maracatu rural, teve origem nas zonas canavieiras, no século XIX, possivelmente nas brincadeiras em que homens se vestiam de mulher. A ciranda é uma dança de roda de origem portuguesa e tem em dona Lia de Itamaracá sua representante mais conhecida. Já o coco tem a influência de danças indígenas e batuques africanos, que conhecemos pelas “coquistas” dona Selma e dona Cila.

O que percebe-se como importância desse trabalho é a atitude de integração e interação entre aspectos sociais e culturais, colocados no caso em uma ação recíproca que desdobra-se entre Siba e a comunidade de Nazaré da mata, com suas tradições e mestres, onde tudo ecoa original e sintonizado com o tempo e a arte, numa provocação à inteligência criativa da mais intensa poesia.

Nas letras das músicas, Siba intensifica e resignifica os versos da tradição popular em metáforas belíssimas e mergulha pelas veredas do imaginário humano, onde saúda e reverencia o tempo e as origens, das batidas de pés no terreiro das noites de luar ao amanhecer de dias luminosos, em alegorias de grande força e densidade.

Na letra de *Suinã*, uma flor também conhecida como Flor-de-coral, os versos simples constroem e descrevem uma sucessão de imagens de extrema beleza. O mulungu que significa também Flor-de-coral, mas ainda um tipo de tambor usado nos xangôs, pontilha e aflora iluminando tudo com o vermelho intenso *como quem sangra*, criando, segundo o poema, uma embriaguez do pensamento intensa. Tudo isso nos faz crer que Siba, com sua poesia, está a exemplo da última canção – espécie de ponto de umbanda e candomblé – realmente *pisando em terra de rei*.



Siba Veloso (el tercero de izquierda a derecha) y amigos.

## Da Fuloresta do samba (2002)\*

### 1

#### Fuloresta do samba

Sonhei / tinha voado / estava montado / na força que me comanda /  
eu acordei / ainda sonhando / me balançando na fuloresta do samba.

### 2.

#### Bringa

Cruzeiro / cruzeiro da bringa / no batente da capela / eu acendi uma vela / pelo que  
aconteceu. // Voa a cigarra / quando lembra da batalha / como se rasga a mortalha  
/ com quem brigando morreu.

### 3

#### Caluanda

Aprígio, não foi catimbó / na mata de Caluanda / tua ciranda se acabou por besteira  
/ por brincadeira / mal de chupar o limão / teu corneteiro João / brigou de boca cheia  
d'água a noite inteira.

### 4

#### Trincheira da fuloresta

Cheguei, meu sangue está quente / zumbindo igualmente / cavalo do cão / coberto de  
arruda e liamba / e um ponto de samba na palma da mão. // E eu vim bater mão ao  
cangaço / e cantar sem cansaço / querendo um calor / no verso, pimenta, aguardente  
/ que comida quente é que tem mais sabor. // No caminho, me aquilombei / no chão  
escutei quem ia e quem vinha / quem é do samba deseja / enfrenta a peleja com tropa  
de linha. // Na praça de guerra quem gira / não erra o que mira na ponta da vara /  
quem risca nesse chão comigo / não acha perigo que não meta a cara. // A tropa  
formou na frenteira / caiu na trincheira / não reclame a dor / formiga trabalha sem  
mágoa / mas um pingo d'água pra ela é lagoa. // A guarda formando a enchente /  
descendo o batente não vem pra voltar / só brigo soprando assovio / que a chuva é pro  
rio e o rio só dá no mar. // A tropa reúne de pronta / quem tiver a conta que mande pra  
mim / calcule, não renegue o preço / que entrei no começo sem saber do fim.

### 5

#### Suinã

Quando o mulungu ponteia / baião de espinho canhoado / fulora o facho / todo  
encarnado / do jeito de quem tem sangrado / suinã, ai ai, suinã / nem sou mais eu /  
que pensa o que tem pensado.

\* Siba gravou Fuloresta do Samba em 2002 no Engenho Lagoa Dantas em Nazaré da Mata, Pernambuco.

## 6

### **Soldado de aldeia/barra do dia**

(Siba e Biu Roque)

Os soldados de aldeia / quebram pedra com uma prua / toca colheita na rua / dá-lhe / não dá-lhe / alumeia / morena faceira / você porque não vadeia / tem peixe na maré morta / tem côco na chã de areia // Às 4 da madrugada os galos todos cantavam / as moças se alegravam / e lá vem a barra do dia / levanta a barra de chuva / onde a baleia passeava / os passarinhos cantavam / e os sinos todos batiam. // Batia o sino e dizia / que o brilho de prataria / da estrela Dalva anuncia/ lá vem a barra do dia / lá vem a barra do dia / de longe ainda se ouvia / trovão com fuzilaria / e a chuva se despedia / lá vem a barra do dia / lá vem a barra do dia / quem acordava assistia / na praia que o rio mordida / o sol marchando e dizia/ lá vem a barra do dia / lá vem a barra do dia.

## 7

### **Bonina**

Estrela da tarde sumiu / se apagou / ninguém viu / será que virou poeira / e um rei sem sangue azul nem coroa / das chaminés já não voa / na fumaça derradeira. // Fique sabendo / o bonina do Baracho /tem fogo pra ir de quatro /tem morena cirandeira. // Quisera eu / que sigo na mesma estrada / ter mel da mesma florada / cepa da mesma madeira.

## 8

### **Sete estrelo**

Solta morena teu cabelo / pro sete estrelo / o rei da noite fria. // Nem está dia / é breve irão / vou amanhã / pra voltar não tem dia não.

## 9

### **Vale do jucá**

Era um caminho / quase sem pegadas / onde tantas madrugadas / folhas serenaram / era uma estrada / muitas curvas tortas / quantas passagens e portas / ali se ocultaram / era uma linha / sem começo e fim / e as flores desse jardim / meus avós plantaram / era uma voz / um vento, um sussurro / relâmpago, trovão e murro / luz que se lembraram / uma palavra quase sem sentido / um tapa no pé do ouvido / todos escutaram / um grito, um odo / perguntando aonde / nossa lembrança se esconde / meus avós gritaram. // Era uma dança / quase uma miragem / cada gesto / uma imagem / dos que se encantaram / um movimento / um traquejo forte / passado, risco e recorte / se descortinaram / uma semente no meio da poeira / chã da lavoura primeira / meus avós dançaram / uma pancada / um ronco, um estralo / e outros pés e um cavalo / guerreiros brincaram / quase uma queda / quase uma descida / uma seta remetida / as mãos se apertaram / era uma festa / chegada e partida / saudações e despedida / meus avós choraram. // Onde estará / aquele passo tonto / e as armas para o confronto / onde se ocultaram / e o lampejo da luz estupenda / que atravessou a fenda / e tantos enxergaram / ah! se eu pudesse / só por um segundo / rever os portões do mundo / que os avós criaram.



## **10**

### **Poeta sambador**

Eu canto imitando o galo / que canta chamando o sol / canto imitando o abalo / que o peixe sente do anzol / eu canto imitando o tombo / da mão que bate no bombo / e da pancada faz calor / da pancada faz calor / o meu azougue azedo / e por isso eu digo sem medo / sou poeta sambador. // Com a bengala na mão / eu também sei rir a toa / fazendo a imitação / da canção que o mundo entoia / e com meu corte de apito / para quem me escuta eu imito / passarinho cantador / passarinho cantador / que me escutando se inspira / e canta imitando a lira / do poeta sambador. // A voz por não ser macia / prefiro chamar de grito / mas canto imitando o dia / por isso eu acho bonito / quando a rima se parece / com o rebater de uma prece / na boca de um rezador / na boca de um rezador / que reza imitando Deus / eu canto imitando os meus / e sou poeta sambador. // Eu imito a carrapeta / de um caboclo em corrupio / imito Mané Baeta / com seu balançar macio / e assim meu verso arremeda / a chegada, o pulo, a queda / do Mateus guerreador / do Mateus guerreador / que na amanhescência do dia / dança imitando a poesia / do poeta sambador. // Eu canto como quem sofre / da embriaguez da pinga / mas só canto abrindo um cofre / onde eu pego a dor, a ginga / e por cantar para quem dança / meu corpo também balança / como o arranque de motor / como arranque de motor / que é como o trovão da serra / que imita o grito de guerra / do poeta sambador.

## **11**

### **Tempo**

Tudo no mundo / a mão do tempo é quem deu / e o que o tempo moeu / a mó do tempo é quem dá / o tempo está no tempo / o tempo é para imaginar.

## **12**

### **Terra de reis**

Eu estou pisando em terra de rei / eu estou pisando.